

Menino do Rancho entre os índios Jiripankó, Pariconha, Al: Ritual, atores e alianças

Yuri Franklin dos Santos Rodrigues¹

Graduando em História pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Membro do Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas – GPHI-AL; bolsista PIBIC/FAPEAL
yurirodrigueshis@gmail.com

Vinícius Alves de Mendonça

Graduando em História pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Membro do Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas – GPHI-AL; bolsista PIBID
Viniciusalvesmendonca@hotmail.com

RESUMO

O povo indígena Jiripankó, habitante do município de Pariconha, no alto sertão de Alagoas, reafirma sua identidade através de seus rituais sagrados, entre eles o Menino do Rancho, que cumpre papel fundamental na construção de laços com as entidades de sua cosmologia. Assim, esta pesquisa visa apresentar, descrever e analisar o ritual, os atores e a constituição e/ou fortalecimento de alianças. A metodologia empregada esteve vinculada a pesquisa de campo proposta por OLIVEIRA (2000), construindo assim um acervo de fotografias e de relatos orais e escritos – diários de campo – mantendo também um profícuo diálogo com a revisão bibliográfica pautada em autores como, CANDAU (2016), MURA (2012), PEIXOTO (2018), SANTOS (2015), SILVA (2014), entre outros.

Palavras-chave: Identidade. Promessa. Religião.

Introdução: Os caminhos metodológicos da pesquisa

O povo indígena Jiripankó habita no município de Pariconha, no Sertão de Alagoas. A aldeia está localizada a aproximadamente 6 km do centro da cidade. É uma sociedade originária do tronco Pankararu, do aldeamento de Brejo dos Padres que se localiza entre os municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no Sertão de Pernambuco.

Sua formação teve início com “o êxodo do índio José Antônio do Nascimento (Zé Carapina) para a região de Alagoas em 1893, em decorrência da ocupação territorial” (SANTOS, 2015, p. 10). Esse movimento se dá em virtude, principalmente, da Lei de Terras de 1850, que devolvia às municipalidades todas as terras sem registro de compra lavrado em

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

cartório, com isso os territórios indígenas em todo o Brasil e principalmente na região Nordeste sofreram diversas invasões do não-índio.

Dessa forma, todas as expressões religiosas do povo Pankararu foram e são formas de reafirmação da identidade dos Jiripankó. Os rituais nesse contexto servem segundo Gueiros e Peixoto (2016) como:

Um momento de fortalecimento identitário, pois tanto os jovens quanto os adultos revivem, no ritual, uma atividade criada pelos seus antepassados em tempos remotos. Pode-se dizer que é um momento de transposição do passado, no presente. É um renovar de ações em reascender da pertença étnica. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016, p. 14).

Com isso, denota-se a importância do universo ritualístico como fortalecimento da identidade e etnicidade dos povos indígenas. Entre os rituais que se fazem presentes no universo religioso dos Jiripankó estão o ciclo de rituais da Festa do Umbu – Flechada do Umbu, Puxada do Cipó e Festa do Cansação – que acontecem entre o mês de dezembro, quando o primeiro fruto do umbu se encontra maduro e no final do mês de março, após o último dia da festa do Cansação que ocorre em quatro fins de semana e o ritual Menino do Rancho – foco de nossa análise.

O evento, alvo da investigação desse trabalho, é o ritual denominado Menino do Rancho; busca-se por meio dele fazer uma apresentação, descrição e análise do ritual; focando principalmente nos atores e na construção de alianças. Para nossas observações tomarem corpo, foi realizada uma pesquisa de campo, nos moldes da proposta por Oliveira (2000), com observação participante, elaboração de diário e caderno de campo e produção de fotografias e vídeos. O uso da imagem nesse trabalho encontra-se ancorado em Peixoto (2013), quando afirmou que,

As fotografias, como registro visual, trazem consigo certo grau de interpretação do fato representado, pois são recortes dessa realidade e permitem, ao espectador, múltiplas idas e retornos temporais e não é por si só capaz de produzir um sentido único, necessitando de uma articulação com outras imagens e/ou com um texto para que possa produzir uma narrativa (PEIXOTO, 2013, p. 19).

Portanto, a utilização das imagens na extensão do texto é uma forma de fazer com que o leitor/espectador realize uma imersão ao que está sendo representado. Elas encontram-se alicerçadas em uma narrativa/interpretação do que foi possível observar. Os caminhos das análises seguem rumos distintos, pois as fotografias agem de formas diferentes sobre as pessoas.

Do processo de cura até o Rancho: convidando atores e reforçando alianças

Os indígenas da etnia Jiripankó desenvolvem um íntimo envolvimento com o seu universo religioso, da mesma forma em que a influência da religião atua como reguladora no meio social do grupo, principalmente durante os pagamentos de promessas. Assim, o pagamento de uma promessa é concebido no ritual, sendo percorrido até a realização do evento um processo permeado por diferentes indivíduos, uma vez que o Menino do Rancho desenvolve proporções maiores que as atividades religiosas domésticas e particulares, envolvendo um leque considerável de participantes (MURA, 2012) que em muitas circunstâncias não aparecem de forma evidente no ritual, contudo tem seus papéis de relevância no circuito de descoberta da enfermidade, cura e ação de agradecimento.

A promessa tem início após a constatação da enfermidade ou infortúnio e a confirmação do Encantado¹ responsável pela realização da cura em uma “mesa de trabalho”, essa se trata do contexto onde os Encantados se manifestam e realizam suas orientações ou intervenções entre os membros da comunidade. Segundo Amorim (2017),

Representada no terreiro nas manifestações dos praiás, nos processos de cura e na organização social, ritual, a “mesa”, vista como o “altar do índio” sintetiza a complexidade dos rituais ou “trabalho de mesa” entre os povos indígenas do Nordeste de modo geral. A “mesa” representa [...] o espaço no qual são invocados os Encantados ou os “mestres de luz” (AMORIM, 2012, p. 150).

Após a constatação do problema e a vinculação da cura a religião do grupo, a família do enfermo começa os processos indicados para a realização da benesse, sendo esses os mais variados, desde banhos, interdições alimentares, sociais e repousos; a variedade de tratamentos é diversa durante o circuito fitoterápico coordenado seja pelo Pajé ou outro detentor dos conhecimentos tradicionais.

Após o tratamento, a família do jovem curado se torna a responsável pelos preparativos de retribuição a dádiva recebida, perpetuando o sistema de obrigações, uma vez que o Encantado “pede” que o menino seja “entregue”² no ritual de pagamento da promessa feita, para que o ciclo de cuidados se conclua.

¹ Dentro da cosmologia Jiripankó, os Encantados são seres ancestrais com dons de cura e proteção, tratando-se de antepassados que passaram pela experiência de uma espécie de encantamento em tempos remotos. Na aldeia, se materializam na figura do Praiá – vestes sagradas.

² As ações de “pedir” e “entregar” o menino descrito referem-se a falas comuns na comunidade, pois segundo os Jiripankó, durante o processo de cura, o Encantado responsável determina sua vontade de que o jovem tratado seja

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

Confirmada a cura, a família responsável pelo evento inicia a sua organização e convite dos participantes, neste momento a cooperação da comunidade se evidencia, pois alguns “Familiares e amigos do curado se unem para ajudar na festa; alguns trabalham, outros doam alimento ou dinheiro e ajudam no planejamento e realização desse evento onde a fartura contrasta com uma situação econômica e social desfavorável” (PEIXOTO, 2018, p. 144); montado o grupo que irá contribuir no ritual, os primeiros convites são iniciados, sendo convidados alguns Jiripankó para as funções de Madrinhas e Noiva, além dos Zeladores/as³ e Cantadores/as.

Ao ser aceito algum convite, à rede de alianças prossegue na ação religiosa. Um grupo convidado, com papel determinante e solenemente solicitado, é o dos Zeladores/as ou “Pais/Mães de Praiá” como também são conhecidos dentro da etnia, suas presenças são, no geral, tímidas no ritual, estando na maior parte do evento pelas bordas do Terreiro postos a observar. Segundo Mura (2012),

Os pais do *menino* e o *zelador* do *praiá* dono do *menino* pedem a outros *zeladores* para levarem para o evento um número específico de *praiás* do próprio *batalhão*. O convite dirigido ao *zelador* também se torna uma forma de manifestar a “consideração” que se tem por ele (MURA, 2012, p. 305).

Devidamente confirmada à presença dos zeladores e seus Praiás, afirmando o respeito e consideração mútua, a família segue em busca da confirmação de outros atores, os próximos tratam-se das madrinhas, mulheres que desenvolvem a função de auxílio à noiva durante o Menino de Rancho, introduzindo assim a participação feminina no ritual, Peixoto (2018) as descreve da seguinte forma:

No ritual Menino do Rancho, três personagens femininas compõem o cortejo, duas madrinhas e uma noiva. Para madrinhas são escolhidas e convidadas duas mulheres, geralmente de casas diferentes, que se paramentam com uma espécie de coroa confeccionada com tiras de papel colorido e, assim como os padrinhos, pintam as pernas, os braços e o rosto com a tinta branca extraída do tauá. Vestem saias abaixo dos joelhos e blusas estampadas com flores ou com imagens de santos da religião católica (PEIXOTO, 2018, p. 91).

entregue ao júbilo do Ritual Menino do Rancho, assim pedindo para que esse se junte aos que mantem relações religiosas consigo, sendo iniciado na religiosidade.

³ Ser zelador de algum Praiá acarreta um complexo normativo de condutas envolvendo cuidados com o próprio corpo e espiritualidade, além de zelos específicos com as vestes, juntamente com a obrigação de instruir os moços responsáveis por vestir os Praiás. O zelador dentro da etnia desenvolve um íntimo e particular contato com sagrado.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

No decorrer do ritual as madrinhas marcam sua presença de forma tímida, porém particular, em alguns momentos chegando inclusive a aparentemente liderar o panteão de Praiás. No geral, existem interdições e tabus religiosos para que as mulheres possam desenvolver suas participações no Terreiro. Normalmente essas estão ornadas com fitas coloridas e pintadas ritualmente com a pintura corporal, além de estarem muitas vezes vestidas com roupas que fazem referência a santos católicos e elementos da cultura indígena, conforme pode ser observado nas fotografias a seguir:

Foto 1: Noiva durante o Ritual Menino do Rancho



Fonte: Acervo dos autores.

Foto 2: Madrinha durante o ritual Menino do Rancho



Na fotografia n° 1 é apresentada a noiva, essa está ornamentada com uma tiara de flores e um conjunto de filetes coloridos, estando vestida com uma blusa retratando o etnônimo do grupo e a imagem de dois Praiás; observa-se a forma que se encontra próxima ao menino ritualizado, durante o ritual a jovem moça desenvolve o papel de acompanhamento da atividade e de entrega do menino no encerramento ao Praiá. Para a participação enquanto noiva é necessário que a jovem seja indígena e imaculada sexualmente, ocorrendo uma correlação entre sua situação sexual e a pureza do estar no ritual.

Na foto n° 2 observa-se uma das duas madrinhas, ornamentada semelhantemente a noiva, também utilizando a pintura corporal seguindo a frente do cortejo de Praiás. Os preparos referentes à atuação enquanto madrinhas voltam-se para banhos e interdições sexuais (PEIXOTO, 2018), além de que sua estada direta no Terreiro durante o ciclo menstrual é religiosamente vetada. A participação feminina no ritual se completa com as mulheres responsáveis pelo preparo dos alimentos e algumas cantadoras⁴, sobre as mulheres enquanto atuantes na religião, Rodrigues (2017) destaca que

A participação feminina nos rituais Jiripankó é específica; as mulheres assumem funções que variam de acordo com cada atividade religiosa. A presença é mais forte nos rituais; Menino do Rancho e na Festa do Cansação. A cozinha, em todas as expressões religiosas desse povo, fica sob sua responsabilidade, algumas senhoras deixam seus familiares um ou dois dias antes do evento para se dedicarem a preparação da comida que é oferecida nos rituais aos participantes, convidados e visitantes. Extremamente envolvidas com os afazeres, porém demonstrando grande alegria e senso de importância do seu papel (RODRIGUES, 2018, p. 275).

As mulheres realizam diversificadas atividades, desde o preparo nos alimentos até a atuação particular no Terreiro. Enquanto madrinhas, noiva ou responsáveis pelo preparo das refeições essas personagens desenvolvem um complexo de relações com os demais participantes. Dentro do pagamento da promessa ocorre um sistema de estruturas de relações e afazeres, onde uma função conseqüentemente evoca outra, estando todos os participantes interligados.

Madrinhas, noiva, responsáveis pelo preparo dos alimentos e zeladores tem suas funções vinculadas entre si e outros membros do ritual. Dentro do Ritual Menino de Rancho a atuação de todos presentes do Terreiro se completa com a presença dos Padrinhos e Cantadores/as junto ao menino ritualizado; os primeiros são homens, com o corpo pintado com o Tauá, desenvolvendo as funções de proteção da criança nas disputas físicas existentes no ritual⁵. O segundo grupo se refere aos responsáveis pela organização dos participantes no Terreiro, tratando-se de pessoas com grande saber e domínio da religião que lideram as rodas de Toré e entonam as toantes (cânticos) durante o evento.

⁴ Personagens pouco recorrentes dentro da etnia, contudo existentes, a participação das mulheres no papel de cantadoras existe e é observada em alguns dos rituais. Para mais detalhes em relação às participações femininas nos rituais Jiripankó, ver: Rodrigues (2017).

⁵ Durante o ritual Menino do Rancho em diversos momentos ocorrem disputas físicas e simbólicas, circunstâncias onde os contatos e preparos físicos se evidenciam, como as corridas pela captura do menino.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Foto 3: Padrinhos dentro do Terreiro Jiripankó

Fonte: acervo dos autores.

Foto 4: Cantadores coordenando os Praiás no Terreiro

Fonte: acervo dos autores

Na fotografia n° 3 são retratados os padrinhos a circular dentro do Terreiro; são, na maioria dos eventos homens com os corpos pintados, existindo nesse grupo uma característica particular, na tradição tal conjunto de personagens tem funcionado como inclusão dos jovens a religiosidade, pois “[...] começam a aparecer sempre em maior número. Estes são os únicos que não precisam de um ‘convite’ para participar do ritual, mas os organizadores expressaram o desejo de eles virem em grande número.” (MURA, 2012, p. 300). Devido a grande quantidade, muitos membros da comunidade recebem a oportunidade de atuar no ritual, inclusive crianças, perpetuando assim o pertencimento através das gerações.

Na imagem n° 4 observa-se os Cantadores postos a organizar a fila de Praiás, os responsáveis por essa função se valem de diversos adereços tradicionais, como o Maracá e o Campiô, os utilizando de forma particularmente religiosa; durante as performances atuam como reprodutores das toantes de cada momento religioso específico, sendo uma categoria com grande responsabilidade.

Os atores se completam com o menino ritualizado, esse é vestido com um colete vermelho ornado com algumas cruzeiras brancas, estando pintado com a pintura corporal e portando um “rolo” de fumo envolto em seu tronco, usa, ainda um gorro feito de palha de Ouricuri, porta, nas mãos, uma pequena lança ornada com fitas coloridas, conforme pode ser observado na fotografia a seguir.

Foto 5: Menino ritualizado no rancho em meio ao cortejo.



Fonte: acervo dos autores.

Na imagem nº 5, o menino ritualizado encontra-se em meio ao cortejo, ao seu lado esquerdo está o Praiá, denominado, na configuração do evento como “seu dono”, responsável pela cura, esse é identificado pela flecha colorida semelhante a que o neófito carrega consigo; no canto direito da fotografia aparecem os Padrinhos postos a acompanhar o menino. O ritual é o resultado da cooperação de vários atores, sendo uma instituição de amplo alcance, conseqüentemente envolve indivíduos nas mais variadas funções, como descrito anteriormente.

Portanto, sendo firmadas um conjunto de alianças durante a atividade, tais laços se estendem para além do campo social do grupo; durante o evento, o sagrado tende a se correlacionar com o humano, tais momentos são evidenciados no decorrer da prática tradicional. As relações se perpetuam entre os envolvidos, onde os mestres da ciência, Padrinhos, Madrinhas, Cantadores, Zeladores, Noiva e menino cooperam em torno de algo religiosamente maior, o Encantado representado no Praiá e a cura realizada pelo mesmo.

Menino do Rancho: A promessa paga ao Encantado no Terreiro

Os indígenas da etnia Jiripankó expressam suas demonstrações de fé através de um sistema de complexos rituais religiosos, entre esses o Menino do Rancho que é tradicionalmente realizado através da forma do pagamento de promessa, voltado para uma cura ou graça recebida

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

através dos Encantados existentes na cosmologia do grupo. Sendo como descrito por Silva (2015),

A festa do Menino do Rancho constitui-se num ritual polissêmico e seus principais objetivos são agradecer a cura iniciar o neófito no mundo do sagrado indígena, mas, sobretudo constitui-se na produção social de valores simbólicos dos mais caros e profundos da cultura Jeripankó (SILVA, 2015, p. 29).

A atividade religiosa produz dentro do grupo um processo de pertencimento, uma vez que a sua identidade encontra-se profundamente vinculada a religiosidade. Assim, o Menino do Rancho é traduzido em pertença e iniciação, visto que um dos principais personagens envolvidos trata-se do jovem beneficiado com alguma espécie de cura realizada pelos Encantados.

A cura ou benção recebida protege o menino da enfermidade e juntamente o inicia na relação religiosa com os Encantados. A atividade religiosa proporciona uma maneira constantemente renovada onde os indivíduos percebem-se e imaginam-se enquanto membros de um grupo (CANDAUI, 2016), portanto, a religião funciona como fator social de dentro da comunidade; a graça recebida, mesmo a nível individual ou familiar, alcança dimensões coletivas durante a representação prática simbólica.

Tradicionalmente o ritual tem início no final da tarde do sábado especificamente destinado a religiosidade onde é construído, junto a outras preparações, o Rancho que atua como morada dos ancestrais (SILVA, 2015); a construção é caracterizada por uma estrutura de palha posta em uma das laterais do Terreiro, o último é um espaço tradicional onde os Jeripankó realizam suas práticas rituais; a estrutura de palha funciona como local de passagem do menino e possui uma importante função simbólica para a ritualística do pagamento da promessa. A fotografia a seguir apresenta o Rancho, em sua posição em relação ao Terreiro.

Foto 6: Estrutura do Rancho e Terreiro Jeripankó



Fonte: Acervo dos autores

Na fotografia n° 6 é apresentado o Terreiro Jiripankó que será utilizado no pagamento da promessa, ao centro da imagem o Rancho construído em uma colocação estratégica, sendo uma espécie de portal, visto que existem duas entradas, uma na frente e outra nos fundos da referida construção, para proporcionar o seu melhor uso pelo menino em fuga⁶. O espaço do Terreiro, apesar de vazio na imagem, durante o ritual estará preenchido pelos seus participantes, como os Praiás, Padrinhos, Madrinhas, entre outros. Ao cair da noite de sábado, os Praiás marcam sua presença no espaço ritual. Segundo Peixoto (2018) o grupos dos Praiás possui as seguintes características,

O Batalhão se apresenta com o corpo coberto por uma vestimenta composta por um conjunto de cinco peças, sendo a primeira delas a máscara, feita de fibras de caroá, cobre totalmente a cabeça e se estende até abaixo da cintura, tendo a parte superior firmemente unida através de costuras, de modo que possuem apenas dois furos no lugar dos olhos e é pintada cada uma com linhas coloridas que se cruzam até as bordas. Abaixo, os fios caem soltos pelos ombros e tem suas extremidades pintadas com a mesma cor das linhas da cabeça. A peça é também conhecida pelos mais tradicionais como tunã. A sua cor é escolhida pelo dono das vestes, o Encantado, que orienta o zelador para a confecção e os cuidados que vão desde a coleta do caroá até a defumação da peça e os cuidados realizados pelo moço/dançador que a vestirá (PEIXOTO, 2018, p. 78).

Trata-se de uma veste tradicional, carregada por um membro da etnia denominado “Moço”, esse exerce as principais formas de cuidados com a roupa e preparações corporais para

⁶ Disputa entre padrinhos e Praiás pela captura do menino ritualizado, trata-se de um momento onde todos estão sob grande euforia, nessas circunstâncias o menino sai em fuga proporcionando a competição pela sua captura.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

o seu devido uso, junto ao seu zelador responsável pelo Encantado. O contato religioso com os Praiás faz parte do cotidiano Jiripankó, no ritual Menino do Rancho o zelo da comunidade para com os seres espirituais possuidores da característica de serem espíritos quentes (MURA, 2012) que não passaram pela experiência de morte, se encantando enquanto vivos, é retribuído sobre o mútuo contato benéfico entre humano e sagrado.

Após a noite de sábado ser acompanhada pelos espectadores sob o som dos Maracás e pisadas dos Praiás, já que esses perpassam a noite e parte da madrugada no Terreiro postos a realizar a “abertura”⁷ e preparar o espaço para a realização do ritual, no raiar do sol de domingo, os primeiros participantes e plateia começam a retornar para a observação da continuidade do ritual.

Os Praiás novamente entram no Terreiro, saídos da casa dos homens, também denominada como Poró, local onde os moços portadores das vestes descansam e realizam suas atividades particulares restritas aos espectadores. Ao adentrarem no espaço, o encruzam, realizando assim a “abertura” de forma segura para a continuidade do Menino do Rancho.

Os Praiás realizam sua performance ritual, na maioria das vezes em fila, existindo algumas variações de movimentos; sendo possível observar alguns indivíduos acompanhando o ritual pelas bordas do Terreiro, é comum no decorrer do evento os Praiás passarem próximos aos espectadores das bordas do Terreiro, contudo a entrada dos últimos no espaço não ocorre, demonstrando a normatização existente para entrada no espaço religioso. Durante o evento são criados laços para além do material; o pagamento das promessas tem um profundo significado memorial e religioso para o grupo, ocorrendo diversas vezes ao ano, a cada “menino posto no Rancho”, o pertencimento se renova.

O ritual prossegue com os Praiás no Terreiro, sendo realizado um café da manhã por volta do meio dia, onde é servido um “pirão”, espécie de massa feita com o caldo da carne misturado a farinha de mandioca, junto com pedaços de carne de caprinos, bovinos ou suínos. Espectadores, visitantes e participantes, que se dispõem a participar da refeição, comem do alimento, demonstrando fartura.

⁷ Durante a realização dos rituais Jiripankó é comum à ação dos Praiás em realizarem a abertura do Terreiro perpassando seu espaço realizando um formato semelhante a uma cruz. Dentro da cosmologia do grupo a ação de encruzar o espaço proporciona a sua abertura para a chegada dos seres Encantados e em contrapartida o protege contra espíritos maléficos que possam prejudicar a ação religiosa. O Terreiro é encruzado varias vezes durante o ritual, sendo aberto e fechado, respectivamente no início e fim dos rituais.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Foto 7: Praiás recebendo a comida



Fonte: Acervo dos autores

Durante o momento em que os pratos estão sendo distribuídos tende a existir uma hierarquia, como se pode observar na imagem n° 7, Praiás e padrinhos são os primeiros a se alimentarem em seguida dirigem-se para o Poró, onde realizam sua refeição, apenas após os participantes diretos do ritual citados anteriormente os espectadores podem participar da partilha. Finalizado o café da manhã os Praiás dirigem-se rumo à busca de outros personagens do ritual, as madrinhas, noiva e o menino, onde realizam um circuito de Toré na casa de cada membro. O encontro dos Praiás com outros membros do ritual em suas residências é uma ação tradicional, porém demonstra também a forma que o ritual se constitui em um ato polissêmico e conjunto de diversos atores, no Terreiro e fora dele.

O desfecho ritual: os atores no Terreiro

Terminadas as rodas de Toré e o oferecimento da garapa⁸ nas residências das madrinhas e noiva, o evento recebe uma nova proporção, uma vez que os participantes retornam juntos ao Terreiro destinado ao ritual onde começam a organizar as próximas etapas. A participação no ritual para os Jiripankó trata-se de transmitir “[...] e fazer viver, assim, uma identidade”

⁸ Bebida servida durante a realização dos rituais, com intuito de suprir as demandas energéticas dos participantes. Basicamente sua composição é de rapadura ou açúcar diluído em água.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07

de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

(CANDAU, 2012, p. 188) junto a uma maneira de estar no mundo, encontrando-se a razão de tamanha disponibilidade dos participantes em atuar no pagamento de uma promessa.

Foto 8: Chegada dos membros do ritual ao Terreiro



Fonte: Acervo dos autores

Foto 9: Personagens do Ritual Menino de Rancho se organizando no Terreiro



Fonte: Acervo dos autores

Na fotografia n° 8, os participantes são retratados voltando ao Terreiro, todos adentram no espaço ritual pelo lado direito ao Rancho construído, os Praiás demonstram uma euforia movimentando-se a passos rápidos; no canto esquerdo da imagem, próximo a estrutura do Rancho, o menino ritualizado é orientado pelos padrinhos; no lado direito da imagem nota-se a presença dos espectadores do ritual aglutinados sob uma das poucas sombras existentes. Na fotografia n° 9 são apresentados os participantes postos a se organizar para o início das rodas de Toré, observa-se no canto esquerdo da imagem a forma que o cantador utiliza o Maracá religiosamente, posto a projetar seu corpo, demonstrando concentração e envolvimento, durante o compasso do Toré.

Existe uma organização padronizada dos participantes como se pode ver na imagem n° 9; o cantador, coordena as ações cantando as Toantes específicas, ao seu lado são postos os demais membros. As madrinhas ao lado do Praiá responsável pela cura, esse último identificado pelo uso de uma flecha com pontas coloridas, apenas ele e um padrinho podem tocar o menino no Terreiro. Ao lado do Praiá estão os padrinhos, também pintados com a pintura ritual, que proporcionam as disputas simbólicas com os Encantados. Ao centro da fotografia observa-se a

figura do Praiá, proporcionando uma interessante metáfora, uma vez que todo o ritual e organização se desenvolvem em função de algo maior, o Encantado, representando pelo Praiá.

Após alguns circuitos de Toré os participantes se dispersam rumo ao almoço que será servido, da mesma forma que o café da manhã os Praiás buscam seus pratos primeiro junto com os padrinhos e cantadores posteriormente o grupo se dirige ao Poró. Também se alimentando, o público, apesar de não estarem envolvidos diretamente no ritual, desenvolve uma contribuição interessante no decorrer da atividade, pois como descrito por Mura (2012)

O público que assiste ao evento segue-o com interesse, conhece as etapas, sente-se envolvido nele, e comenta algum detalhe. Em outras palavras, o público é parte fundamental do ritual. Ele desempenha também um papel importante enquanto vigilante e estimulador das performances (MURA, 2012, p. 302).

O público, por conhecer as etapas da atividade ritual começam a se sedentarizar nas bordas do Terreiro novamente após o almoço a espera do retorno dos Praiás e da próxima parte do ritual, essa desenvolve uma certa euforia e espécie de torcida, trata-se da luta simbólica entre padrinhos e Praiás, ambos segurando cajados e se confrontando com o intuito de derrubar o padrinho por parte do Praiá e de escapar do Praiá como objetivo do padrinho.

Foto 10: Disputa entre Praiás e padrinhos com cajados



Fonte: acervo dos autores

Foto 11: Toré com participantes do ritual



Fonte: Acervo dos autores

Na fotografia nº 10 é apresentada uma das disputas entre padrinhos e Praiás, tais momentos são regados por grande euforia por parte do público onde citam os nomes dos

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Encantados representados pelos Praiás com intimidade, demonstrando forte torcida, padrinhos e Praiás se valem de movimentos com os cajados para alcançar seus respectivos objetivos. Terminado o momento de disputa ocorre uma nova organização dando início a próxima etapa, um novo conjunto de Toré, com a mesma padronização dos participantes descrito anteriormente, é realizado dentro do Terreiro (Fotografia 11), onde o menino se posiciona próximo a um padrinho que irá lhe instruir na próxima disputa e ao lado do Praiá responsável pela cura.

Após os três círculos de Toré realizados pelo cortejo ocorre um aviso por parte do Praiá responsável pela benesse, nesse momento o público que estava as bordas do Terreiro busca proteção, pois o menino sai em disparada ao passar pelo portal do rancho de palha; inicia-se assim a disputa simbólica entre padrinhos e Praiás, os primeiros tem o objetivo de utilizar o seu corpo para proteção do menino, já os Praiás tem o intuito de capturar o menino em fuga ou qualquer das partes de sua vestimenta ou acessórios. A ação é realizada por três vezes até que o menino seja capturado ou entregue de forma voluntária ao Praiá que o curou.

No momento de entrega a noiva é a responsável por levar o menino ao Encantado, essa entrega e o ritual tem suas etapas públicas no Terreiro finalizadas com um Toré coletivo, sendo marcada a passagem simbólica de iniciação do menino para a sociedade dos Praiás (MURA, 2012), além da promulgação da conclusão do pagamento da dívida recebida.

Considerações finais

O povo indígena Jiripankó tem sua identidade formada em seu universo religioso, na realização de seus rituais sagrados – Menino do Rancho e Corridas do Umbú – nos quais se afirmam enquanto indígenas e renovam suas alianças com os seus antepassados materializados como Praiás. Dessa forma, percebe-se que as celebrações religiosas são instrumentos identitários imprescindíveis para a transmissão dos valores culturais daquele povo.

A partir de nossas observações, podemos perceber que no ritual Menino do Rancho ocorre um sistema complexo de cooperação entre os personagens – menino, Pajé, Encantados, Praiá, Cantadores/as, Padrinhos, Madrinhas, Noivas e Cozinheiras – que desencadeia na realização do pagamento da promessa e na construção de alianças. Portanto, o ritual desenvolve a função de elo entre os indígenas envolvidos no pagamento da promessa, além de proporcionar a renovação da ligação religiosa com o tronco formador Jiripankó, unindo simbolicamente os

indígenas a seus antepassados Encantados, representados nos Praiás advindos de Pankararu, presentes no Ritual Menino do Rancho e demais manifestações religiosas do grupo.

Referências

AMORIM, Siloé Soares de. **Resistência e ressurgência indígena no alto Sertão alagoano**. Maceió: Iphan–AL, 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

GUEIROS, Lucas Emanuel Soares; PEIXOTO, José Adelson Lopes. RELIGIOSIDADE E ENCANTAMENTO: o pagamento de promessa no ritual indígena Jiripankó. In **Mnemosine**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Vol. 7, N. 1, jan/mar 2016, p.111-126.

MURA, Claudia. **“Todo mistério tem dono!”**: Ritual, política e tradição de conhecimento entre os pankararu. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Minha identidade é meu costume**: religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó–Alagoas. Tese (Doutorado) Programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2018.

_____,. **Memórias e Imagens em Confronto**: Os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá. Apresentada como Dissertação de Mestrado em Antropologia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

RODRIGUES, Yuri Franklin soa Santos. A mulher Jiripankó e sua relação com o território imaterial. In: **Alagoas nos trilhos das memórias**: imagens, patrimônio e oralidades / Francisca Maria Neta, José Adelson Lopes Peixoto (orgs.). Recife: Libertas, 2017. p. 267-278.

SILVA, Ana Claudia da. **Jeripakó**: História ritual e cultura. Monografia do curso de Licenciatura Indígena de Alagoas - CLIND–, Universidade Estadual de Alagoas, 2015.